

A linguagem em funcionamento na afasia

Maria Irma Hadler Coudry*

1 Introdução

O Objetivo deste texto¹ é discutir uma visão discursiva da afasia apresentando como *linguagem em funcionamento* o que decorre da condição de sujeito afásico. Para isto serão enfocados a avaliação e o processo terapêutico como instâncias discursivas em que se dá a compreensão de processos de significação presentes na afasia. Essas duas instâncias interativas – avaliação e terapia – se relacionam aos processos de descoberta e conhecimento das dificuldades que o sujeito apresenta, bem como aos processos alternativos de significação de que lança mão para com elas lidar (Coudry, 1988).

Por constituir-se em meio às várias práticas discursivas em que o sujeito se engaja, ou pode se engajar, a *avaliação* e o *processo terapêutico* levam em conta as tendências que a língua pode manifestar quando o sujeito *trabalha* com os processos patológicos, exibindo a ação criadora (cf. Franchi, 1977) afeita ao exercício da linguagem por sujeitos pragmáticos. Tomam-se os processos patológicos, explicitados ou não, como o exercício de uma condição particular que se relaciona com processos normais de significação; e não como o que falta, a falha, o *déficit*, em relação a uma língua e a um sujeito ideais. Avalia-se o sujeito, inserido em uma comunidade lingüística e cultural, em meio a práticas significativas *com* e *sobre* a linguagem, levando em conta as variedades vernaculares de que se utiliza nas diversas configurações textuais que produz e interpreta.

* UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

¹ Este texto retoma idéias já apresentadas este ano e submetidas a publicação; refiro-me, especialmente, aos textos que preparei para participar do XLVIII Seminário de Estudos Lingüísticos, em maio de 2000, da III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural, em julho de 2000, e do II Congresso Brasileiro de Tecnologia e (Re)habilitação Cognitiva, em outubro de 2000.

O conceito de *prática discursiva* servirá de base. De acordo com Mainueneau (1989, p. 60), a formulação do conceito *prática discursiva* envolve a reversibilidade essencial entre as duas faces do discurso, a *textual* (verbal) e a *social*, e em cujo trânsito se dá a relação da língua com a cultura, do sujeito com o outro e mundo social.

Considerar a *avaliação* e o *processo terapêutico* nessa perspectiva significa tomá-los como uma *práxis* entre sujeitos; significa que os sujeitos envolvidos reconheçam que se trata de atividades significativas exercidas por quem faz parte de uma comunidade linguística/discursiva e compartilha língua e cultura. Significa, ainda, que do conjunto de atividades que se fazem *com* e *sobre* a linguagem deve constar aquele a que o sujeito tem sido exposto durante a vida e que o faz transitar nessa relação da semiose verbal e não verbal com o social, com a vida em sociedade organizada em torno do que caracteriza a realidade humana: *falamos a outros que falam*, forte argumento de Benveniste (1966, p. 60) para diferenciar *linguagem de comunicação animal*.

Ambos, tomados como *processos* que se inter-relacionam, favorecem que o sujeito exerça diferentes papéis *na, da, e com* a linguagem em situações interativas de que participam sujeitos pragmáticos, afásico e não afásico, que se apresentam sistematicamente usando a língua nas mais diversas e variadas situações e com diferentes propósitos. Assim é na vida, assim é na afasia.

Apresentarei dois dados de sujeitos afásicos produzidos nessa reversibilidade entre o textual e o social para mostrar o trabalho linguístico que sujeitos afásicos fazem com a linguagem, mostrando que há linguagem na afasia ou, em outros termos, tomando a afasia como um lugar de funcionamento da linguagem. O primeiro, no contexto de um processo terapêutico, momento em que se torna mais estável a produção de processos antes ausentes na linguagem desse sujeito (a especificação da flexão verbal). O segundo se dá no instante mesmo da avaliação inicial, quando investigador e sujeito afásico tomam contato com sua condição de afásico, com as dificuldades e com as tentativas de ultrapassá-las.

2 O sujeito P

P¹ é agramático e apresenta dificuldades na sintaxe da língua: de expressar a forma verbal com a conseqüente dificuldade de

¹ P: nascido em 02/12/35, destro, funcionário público, solteiro, nível médio de escolaridade; teve dois acidentes vasculares cerebrais, hemorrágicos, em 30/10/81 e em 14/12/82, no território da artéria cerebral média, do que resultou uma lesão têmporo-parieto-occipital esquerda.

estruturar orações (ver Coudry, 1988). Em fevereiro de 1987, houve um acontecimento marcante em Campinas. O Eldorado (o maior supermercado da cidade) pegou fogo. E P trouxe o jornal, como sempre, para falar do fato, ocasião propícia para avaliar, no processo terapêutico, a compreensão da estrutura passiva, que P não produz na variedade vernacular, como sujeito pragmático que é.

Dado 1: P - 07/02/1987:
O Eldorado foi queimado pelo fogo

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
Imc	O que o fogo fez com o Eldorado?	diante da manchete de jornal
P	O fogo <i>queimou</i> o Eldorado	
Imc	O Eldorado ...	acompanhando a leitura da manchete
P	<i>queimou</i>	
Imc	foi queim ... foi queimá ...	fornecendo e expandindo o <i>prompting</i>
P	<i>foi queimou</i>	aglutinando as duas formas
Imc	foi queimado	
P	foi queimado com, pela ...	pausa longa
Imc	Não, PELA fogo não dá!	
P	Pelo fogo	

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística - Projeto Integrado - CNPq - 521773/95-4.

O que mostra esse dado? P produz uma oração estruturada e expressa a flexão (*queimou*), aglutina as duas formas (ativa e passiva), quando instado a ler, e finalmente reproduz, com ajuda, a forma passiva; mostra, então, que P compreende a estrutura passiva e usa adequadamente a língua na voz ativa, tal como todo *bom* falante do Português Brasileiro. A avaliação produz esse conhecimento e se integra ao processo terapêutico - ambos assentados metodologicamente em *práticas discursivas*, e teoricamente em áreas da Linguística que se dedicam a estudos de diversos domínios da linguagem, levando em conta que os dados são produzidos em situações discursivas. Aliás, foi o fato de P estar exposto sistematicamente a situações de uso social e partilhado de linguagem em sua vida e no processo terapêutico que tornou possível analisar seus dados do ponto de vista da teoria da Gramática de Chomsky (Gregolin-Guindaste, 1996), e verificar seu progresso sintático na estruturação de orações e nas relações entre elas.

3 O sujeito JF

O dado de JF será utilizado para ilustrar o processo de conhecimento e descoberta mútua por que passam investigador e sujeito. De fato, a avaliação de JF me fez lidar de novo (ver os seguintes estudos: de L, em Coudry, 1988; de AB, em Coudry e Morato, 1990; de SB, em Coudry, 1997), e diretamente, com a questão da subjetividade na afasia; tal como se expressa dissonante, em certos casos. JF foi afetado pela afasia de forma a expressar pela linguagem um 'estranhamento' de si. Sua avaliação ajuda na formulação da hipótese inicial de meus estudos acerca da afasia e de sua intimidade com a linguagem, ou seja, de como a afasia repercute no eixo da subjetividade: com a afasia *passa a haver* dois sujeitos que *passam a conviver* – o que antes dela exercia seus múltiplos papéis – com eficácia (S1) – e aquele que acontece com a afasia (S2).

Como o processo de avaliação descobre/conhece essa dupla condição de sujeito de JF? Na segunda sessão com JF, em 29/03/2000, ele contava a visita de um amigo em sua casa; contava no discurso direto, nas próprias falas do amigo, abrindo aspas para introduzi-lo. Eu intervim e ele disse: *calma que ele fala!* É interessante que esse dado tivesse ocorrido em meio à passagem do discurso direto para o indireto, lugar discursivo de encontro de múltiplas vozes que devem ser reconhecidas para serem referidas pela linguagem, no eixo da subjetividade (Benveniste, 1966). Como JF poderia se referir ao amigo por meio de *ele* se refere a si mesmo assim? Foi tendo conhecido essa dificuldade de JF que no contexto da avaliação pode-se explorar textos, como as fábulas, cuja configuração se apresenta entremeada por essa polifonia. Depois de contar melhor a fábula *o Leão e o rato* pela segunda vez, já conseguindo identificar e produzir as vozes da enunciação no enunciado, comentou com as duas investigadoras (Imc e Ima) a sua lentidão e de como se saiu nesse processo:

³ JF: 36 anos, destro, vendedor, segundo grau completo. Em 27/04/99, a Tomografia Computadorizada de Crânio revelou acidente vascular hemorrágico (AVCh) centro-hemisférico direito com inundação ventricular e desvio contralateral da linha média. Em 25/05/99 a T. C. Crânio revelou área hipodensa, sem efeito de massa, mal definida, localizada em território parietal esquerdo, adjacente à área da craniotomia.

⁴ A literatura neurológica e neuropsicológica refere como *anosognosia* esse estado em que o sujeito não (re)conhece a própria condição patológica. Do ponto de vista linguístico há desdobramentos dessa condição em relação à subjetividade da linguagem.

Dado 2: JF – 05/04/00:

Comentário sobre recontagem de fábula e sobre si mesmo

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
JF	<i>Ele vai... vai contando ...</i>	ritmo pausado
Imc	<i>EU vou contando</i>	destacando EU
JF	<i>Então ... esse aqui</i>	mostrando o hemicorpo parético
JF	<i>é tudo, tudo</i>	
JF	<i>não, não, calma</i>	ritmo pausado
JF	<i>calma cê aqui</i>	ritmo pausado
JF	<i>deixa, deixa eu, deixa eu falar</i>	ritmo pausado
JF	<i>ai você vai ...</i>	ritmo pausado
Imc	<i>Deixa EU falar</i>	destacando JF ter dito EU
JF	<i>cê senta você pra ver</i>	
JF	<i>porque eu tenho aqui ó ...</i>	mostrando a boca
JF	<i>tem algo falando assim ...</i>	ritmo pausado
JF	<i>algo devagar assim,</i>	ritmo pausado
JF	<i>assim eu vou, assim agora</i>	ritmo pausado
JF	<i>se você fala,</i>	ritmo pausado
	<i>você fala, você fala ...</i>	ritmo pausado
JF	<i>algo tá falando assim ...</i>	ritmo pausado

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística – Projeto Integrado – CNPq – 521773/95-4.

Esse dado de JF mostra um sujeito que se estranha, que se apresenta afetado por essa condição [humana]. É nesse sentido que falar de afasia é falar de linguagem e de sujeito, necessariamente concernido em sua condição pragmática (enunciativa); e isto diz respeito tanto aos que percebem as dificuldades, quanto aos que precisam de mais ajuda para (re)conhecê-las. Para estes últimos – e este é o caso de JF – elas se apresentam como se fossem alheias: a subjetividade na linguagem, inicialmente mitigada e obscurecida pela afasia, se apresenta flutuando entre formas *eu/ele/você/esse/algo* [lembrando Saussure, *a língua é forma e não substância*] para *dizer* desse sujeito-outro – que acaba de se instalar. Também ocorre uma cisão em relação ao corpo, derivada da hemiparesia, que certamente desorganiza as formas de relação proprioceptivas desse sujeito com seu corpo-outro. Quero dizer com isso que é preciso considerar, em uma avaliação discursiva, a relação entre o sujeito, o outro e as realidades simbólicas mediadas pela linguagem. É isto é uma decisão de caráter teórico (a afasia é um *fato de discurso*) com implicações de ordem metodológica (exercício de

práticas discursivas). A avaliação discursivamente orientada – e voltada para o processo terapêutico – tem mostrado que JF³ apresenta dificuldades com o eixo da subjetividade e com os que a ela se relacionam (coordenadas espaciais, temporais); por isso apresenta dificuldades de natureza semântico-pragmáticas, ou seja, com a determinação da referência e enunciativas, que certamente tomarão outra configuração no processo terapêutico – dadas as chances de que retome sua competência discursiva e seus múltiplos papéis de sujeito da/na linguagem.

Como via explicativa de fatos de linguagem e de afasia, e teorizando sobre os *dados-achados* (Coudry, 1996) produzidos no contexto avaliativo que orientam o processo terapêutico, cito uma passagem de Pêcheux (1975) que se ajusta ao estudo da subjetividade na afasia e, especialmente, à avaliação de JF:

"[...] o discurso do sujeito se organiza por referência (direta, divergente) ou ausência de referência, à situação de enunciação (o 'eu-aqui-agora' do locutor) que ele experimenta subjetivamente como tantas origens quantos são os eixos de referência (eixo das pessoas, dos tempos, das localizações). Toda atividade de linguagem necessita da estabilidade destes pontos de ancoragem para o sujeito; se esta estabilidade falha, há um abalo na própria estrutura do sujeito e na atividade de linguagem" (p. 174).

4 Comentário final

Para finalizar, uma (re)tomada de posição frente aos fatos de linguagem que ocorrem na afasia. Que *face* (Ribeiro, no prelo) da língua considerar em uma avaliação discursiva da afasia? O funcionamento do português brasileiro, em sua variedade vernacular, têm de ser conhecido por quem avalia e trata de sujeitos afásicos – para não se tratar *dado* como *erro/déficit*. No dado de JF, há a ocorrência de um *você* (não patológico), típico e legítimo de certos usos de variedades vernaculares que dão qualidade à dinâmica da interlocução e de *você/algo/ele* que se originam da cisão de sujeitos causada pela afasia. JF poderia ser considerado confuso, por uma visão estreita de língua e de linguagem, já que as coordenadas dêiticas estão suspensas e a referência é difícil de ser identificada. E P teria *errado* ao dizer *foi queimou* – ao que se pode atribuir até

³ O caso de JF corresponde a um quadro de afasia de tipo posterior, um *Wernicke*; e dadas as tarefas metalingüísticas a que seria exposto em uma avaliação de tipo tradicional, seria difícil entendê-lo e se fazer entender por ele, daí a literatura cunhar de *problemas de compreensão* processos dessa natureza, desconsiderando questões enunciativas.

um nome para o déficit/sintoma: *parafasia morfológica aglutinante*, bem a gosto de uma visão servil,⁴ descritiva e classificatória. Critica-se a avaliação de linguagem parcialmente realizada e exercida sobre o domínio da tradição escrita normativa, apartada, pois, do exercício intersubjetivo e social da linguagem, e padronizada para "indivíduos apragmáticos". Tal atitude frente aos fatos patológicos contribui para excluir a possibilidade de os sujeitos triunfarem sobre sua condição afásica, deixando de manifestar sua condição de sujeito da/na linguagem.

E o que mostra uma avaliação e um processo terapêutico discursivamente orientados? Que há linguagem e sujeito(s) na afasia.

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 5, IEL: UNICAMP, p. 99-109, 1983.
- . *Diário de Narciso: discurso e afasia*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- . O que é dado em neurolingüística? In: CASTRO, M. F. P. (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 179-192.
- . Língua, discurso e a lógica da linguagem patológica. In: *Cadernos da F.F.C.*, v. 6, n. 2, Marília, UNESP, p. 131-148, 1997.
- ; MORATO, Edwiges Maria. A ação reguladora da interlocução e de operações epilingüísticas sobre objetos lingüísticos. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, IEL/UNICAMP, 15, p. 117-135, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- FRANCHI, Carlos. Linguagem: atividade constitutiva. In: *Almanaque*, 5, São Paulo: Brasiliense, p. 9-27, 1977.
- GREGOLIN-GUINDASTE, Reny Maria. Agramatismo: um estudo de caso em português. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Cathérine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 1975, p. 163-252, 1989.
- RIBEIRO, Ilza. Quais as faces do português culto brasileiro? (no prelo)
- ⁴ Remissão à reflexão de Foucault (1971:14), a propósito dos princípios disciplinares de exclusão: a *armadura de saber* – por meio do que se decifra a fala do afásico.